

# MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANO

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

ANO III

N.º 13

São Paulo, Março-Abril de 1957

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## Patrianovismo em Marcha

1. A muita gente desprevenida foi maravilha o nosso artigo do número passado sobre o "Patrianovismo e o Mundo Árabe". Pois nada perdem por esperar: outras maravilhas virão a seu tempo.

2. Há-os inúmeros por aí que ainda não se aprofundaram no conhecimento do que seja Pátria-Nova, filosofia política e organismo DIFERENTE, que fundámos em 1928. Mas quem na ORGÂNICA PATRIANOVISTA, nosso livro fundamental, ler atentamente os três capítulos "Declaração dos Princípios Teológicos", "Declaração dos Princípios Filosóficos" e "Declaração dos Princípios Políticos", de nossa lavra directa, descortinará por certo os horizontes universalistas da nossa Doutrina, baseada nos princípios da nossa Fé, da nossa Tradição, da nossa História.

3. Não se trata de pátria-velhismo, não se trata de restauração indiscriminada do Passado, senão de INSTAURAÇÃO de uma ordem nova, no mesmo sentido com que na encíclica Aeterni Patris Leão XIII recomendava, no campo filosófico, o revigoramento da Escolástica: Vetera novis augere et perficere, isto é com novidades, com actualidades, com descobertas modernas em todos os campos do saber, da pesquisa, da meditação, aumentar, revigorar, modernizar as coisas antigas já fundamentalmente boas, essenciais, esquecendo todo o acidental porventura desnecessário, atendendo todavia à verdade experimental de que o acidente, desprezível à luz metafísica, nem sempre o é na realidade social e política.

4. Dessa ponderação facilmente se deduz a actualidade permanente de PÁTRIA-NOVA, pois não envelhece, nem envelhecerá enquanto formos todos fiéis aos seus princípios estabelecidos na fundação em 1928. Como em certo artigo anterior definimos, ela mesma, na sua plasticidade, sempre se supera, adaptando-se a todas as circunstâncias, a todas as variações ambientais.

5. Uma vez que muito daquilo que Pátria-Nova é e comporta como desenvolvimento orgânico não foi ainda declarado, explícito e, menos ainda, divulgado sequer nas linhas gerais que alguns no comando da AIPB já conhecem — muita surpresa ainda se propiciará aos poucos espíritos de prol consagrados, sem interesse pessoal, na futura grandeza e felicidade do Brasil, que se aproxima.

6. Aliás, manifesta-se na actualidade política brasileira uma vontade de realizar o que o PATRIANOVISMO há quase trinta anos estabeleceu em grandes linhas como SUA FINALIDADE. A nossa CIDADE BRASIL (nomeada em nosso poema "profético" SATANÁS escrito em 1924) vai surgindo aí como BRASÍLIA. Renasce com vigor o pensamento da redivisão territorial das Províncias (os "estados" dos norte-americanizados). Ganham foros de problemas actualíssimos os da nossa magnífica geopolítica. O Municipalismo (de que antes falávamos sózinhos) vive na ordem do dia, embora por vizes com fim demagógico, homenagem da vacuidade republicana à nossa verdade Imperial. Aparecem obras importantíssimas como essa do sr. Bezerra de Meneses, "O Brasil e o mundo Ásio-Africano", que vêm ao encontro da futura Política Exterior e, principalmente, da Política Africana do Império Brasileiro (de que unicamente

Pátria-Nova possui a chave, o "abre-te, Sésamo". Já o próprio governo de Getúlio Vargas assinara o "Tratado de Amizade e Consulta", marco inicial do renascimento da COMUNIDADE LUSIADA. Tudo isso é Patrianovismo em marcha, tudo isso é a obra nacional de Reconquista, para a criação do mundo novo em harmonia com as nossas sacrossantas tradições católicas e imperiais. Que outra coisa, senão aspiração rática misteriosa de volta à Corporação Nacional essa insistência das classes produtoras em quererem ser ouvidas por esses politiquelros incompetentes e ditatoriais que impõem leis arbitrárias sobre todos os problemas (tentando-o até sobre a organização da Família), julgando-se donos da natureza humana, donos das propriedades e donos até das nossas pessoas?

7. E não é somente isso. Longo seria enumerar tôdas as questões em que a república deseja embalde substituir-nos. Nada de grande poderá ela fazer, a despeito da inegável boa vontade de muitos desses militantes políticos. E PROBLEMA DE REGIMEN, NÃO DE HOMENS. Como já antes dissemos, eram muito superiores ao menino Dom Pedro II, individualmente considerado, aquêles olímpicos varões da época regencial. E marchava para a perdição total, para o separatismo o imenso País criado pela gesta dos nossos Maiores em 300 anos sob o comando directo dos nossos Reis Portugueses. Proclamou-se a Maioridade!

8. Vai em marcha o Patrianovismo, prégando sempre, indefectivelmente, a volta do Imperador. Será uma nova Maioridade contra a infantil regência dos eternos aprendizes de política que são os estadistas republicanos ou a república mesma, sempre provisória.

9. Na sua serena e doura simplicidade, Imperial simplicidade, aguarda S.A.I.R. Sr. Dom Pedro Henrique de Bragança (Dom Pedro III) o apêlo angustioso da Pátria mal ferida e desmoralizada pela vergonha, inoperância e corrupção da república que já ensaiou todos os tipos de constituição e sistemas eleitorais (!) para evitar o inevitável: a MONARQUIA.

Aproxima-se o momento histórico, fatal, em que já será impossível continuar o ludíbrio atroz, culpado da infelicidade, miséria e desmoralização do povo brasileiro.

PÁTRIA-NOVA está em marcha.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista

### APÊLO AOS PATRIANOVISTAS

Para conjurar uma grave ameaça contra a Nação Brasileira, a Chefia Geral Patrianovista convida todos os Imperiais a recitar o rosário a Nossa Senhora da Aparecida e Fátima nos três últimos dias do mês de abril, a saber: dia 28 (mistérios gloriosos), dia 29 (mistérios gozosos), dia 30 (mistérios dolorosos).

## OS "ESTADISTAS" REPUBLICANOS COM MEDO DA FANTÁSTICA EURÁFRICA...

... A nossa vez, o remédio poderá ser homeopático — Similia similibus curantur. — Curamos o mal, com o próprio mal.

Se o nosso receio reside no barateamento dos produtos similares africanos, combatamos-nos com produtos mais baratos ainda.

Não é preciso ser um notável economista — para compreender que estamos perdendo os clientes do mercado internacional, em virtude dos preços altos dos nossos produtos exportáveis, pois tudo fazemos para mantê-los em alta.

Neste sentido a nossa atitude é de tal forma paradoxal que até costumamos encontrar motivos de regozijo, com o advento de uma geada que faz diminuir a safra, quando em qualquer país do mundo isto seria considerado um cataclisma, causa de grande tristeza.

A única salvação para o Brasil, afim de que possa enfrentar e vencer galhardamente a batalha com "Euráfrica", está no barateamento imediato dos seus produtos, para reconquistar os mercados perdidos e promover, conseqüentemente, o desestímulo aos concorrentes.

Mas, para alcançar tal "desideratum", NECESSÁRIO SE TORNA RETIRAR TODAS AS TAXAS E IMPOSTOS QUE RECAEM SOBRE A PRODUÇÃO — ÚNICO MEIO DE BARATEAR OS PRODUTOS. (Grifos nossos).

Al, indagará os economistas da meia tória: — "Como viverá o Governo sem a arrecadação dessas tributas?" (Roberto Joppert Martin, "Euráfrica?... Graças a Deus!"), Diário de S. Paulo, 31-3-1957.

— Pátria-Nova tem, no último artigo do seu programa, uma doutrina geopolítica lucida, isto é brasileiro-portuguesa, para a África. Ainda não foi explicitada. Será lá na hora H para confusão de republicanos e de monarquistas de bobagem... também. A ré... vai resolver o problema do modo que se vê na nota seguinte, retirada do Diário Popular a 30-1-1957:

## A ELEVÇÃO DO IMPÓSTO TERRITORIAL

ATINGIU, EM ALGUNS CASOS, A 700% — ALARMADOS OS LAVRADORES

Encontra-se em São Paulo, procedente do interior, o sr. Oswaldo Junqueira. O parlamentar pelegista veio à Capital a fim de entender-se com os líderes da lavoura na sentida de iniciar um movimento contra a tributação do imposto territorial, que, conforme acentuou, é alarmante, pois há casos em que a majoração atinge a 700%.

"Para se ter uma idéia do absurdo aumentista — salientou o sr. Oswaldo Junqueira — basta mencionar que em toda a cidade de Orlândia o Estado arrecadava 600 mil cruzeiros de imposto territorial e hoje apenas uma de suas fazendas recolhe nos cofres público essa mesma soma. Fazendas que recebiam 10 mil cruzeiros passaram a pagar 300 mil cruzeiros. Pequenos sítios, antes tributados em 2 mil cruzeiros, hoje são obrigados ao pagamento de 30 a 40 mil cruzeiros".

É o caso de dar-lhes um "Viva à república... nas quintas dos infernos!"

## PELO IMPÉRIO

— Acabem de aparecer três novos boletins patrianovistas: — o 2.º e o 3.º do Centro Patrianovista Anônimo João de São José do Rio Preto e o 1.º do Conselho Imperial Patrianovista Municipal de Passo-Fundo. Parabéns e agradecimento das Chefias Geral e Provincial.

— Realizou-se durante a Semana Santa, no Convento Capuchinho de Piracicaba, um retiro espiritual especializado, para militantes patrianovistas. Tomaram parte o Chefe Geral, supremos conselheiros, conselheiros provinciais e simplicitantes da AIPB.

## NO SENADO DA REPÚBLICA

Reservando os seus pares, disse o arcebispo (Alencastro Guimarães) que as fábricas estrangeiras em nosso solo, gozando de favores excepcionais, como no caso da indústria automobilística, "estão saqueando com insuportável complexidade dos poderes públicos, o povo brasileiro". Citeu o cálculo fornecido pela própria indústria que vai vender igas a 250 mil cruzeiros, quando poderiam ser vendidas no mercado interno a 150 mil, "como acontece na Argentina".

— A quem recorremos em face da ladrocinha generalizada que desgruça a nossa Pátria... desde 1889?

## Leia a "ORGÂNICA PATRIANOVISTA"

### ECONOMIA REPUBLICANA

O governo da Grã-Bretanha e de outros países estabilizaram o custo de produção, uniformizando as taxas cambiais, com decréscimo apreciável para vender. O que fizeram? — Inventámos mais de 100 taxas cambiais, elevámos os impostos sobre a renda e o de consumo e de consignações, correios e telégrafos, iminámos luxo incompatível com as nossas possibilidades, deslocámos massas humanas para indústria e agricultura, elevámos o custo de vida e para atender segurancas gerais, elevámos tudo, que culminou com a inflação desenfreada sob um aspecto.

Tudo foi majorado e o custo de produção tão alto, impossibilitou a exportação. Hoje temos inúmeros orçamentos. Pel menos três: o de exportação, quando o governo se apropria da diferença sobre o valor fictício e o câmbio livre, a segunda quando nas licitações fica com o ágio das cinco categorias e o normal.

Esses são os aspectos de nossa política econômica, financeira e cambial. Nessas condições, continua de pé a nossa pergunta: Por que produzimos mais caro? (Antônio Alves de Lima Neto, A Gazeta, 15-2-1957).

## Solene Protesto!

O povo mais uma vez protestou, de uma forma inequívoca, contra o presente status político como, de resto, o vem fazendo nas últimas eleições. Só os cegeiros que não querem ver, não enxergam estas coisas. Os dados públicos, dos pela imprensa, referentes ao último pleito municipal (e que não diferirão do resto, senão por algarismos absolutamente insignificantes), nos dão a extensão deste protesto. Senão, vejamos: para um eleitorado de, aproximadamente, 1.180.000 eleitores, abstiveram-se de votar 316.585 (vide "Correio Paulistano" de 23 e 27 de março pp.). Ou seja 1/3 dos eleitores inscritos disseram nas urnas, — pela sua ausência — que o voto não vale nada, pois não resolve o problema político brasileiro, problema isto de qual decorrem todos os outros que afligem a vida das pequenas, que gemem com as conseqüências desta bamboceta; desta palhaçada eleitoral.

Isso ainda não foi tudo porque, a êses 36,829%, ou quato 37% de abstenções se deve acrescentar o número dos que votaram em branco: 43.636, isto é 3,679%, ou quato 4%. A ambos dever-se-ão acrescentar, ainda, 29.673 votos nulos (daquelas que escreveram versos, graças, ou votaram em nomes de jogadores de futebol) e que representam mais 2,514%, isto é, 2,5%. Somados estes índices concluímos que, de um total de 1.180.000 eleitores inscritos, 389.891, ou seja 33,012%, protestaram contra a malandragem eleitoral-republicana. Não se diga que isto aconteceu só em São Paulo, porque estes resultados são o espelho de que vem acontecendo no Brasil, desde 1945. Nas eleições de 1954, por exemplo, as porcentagens de abstenção variaram entre 38% (não houve erro tipográfico não; cincoenta e oito por cento mesmo) no território do Amapá a 21% na Província do Ceará. Sendo que, em São Paulo, este índice foi, na ocasião, de 35%; no Distrito Federal 28% e na Província do Rio de Janeiro, 38% (Anuário Estatístico do Brasil — 1956 — pág. 469).

X X X

É evidente que o eleitorado esclarecido está protestando contra a DITADURA ELEITORAL que lhe impuseram desde 15 de novembro de 89, e a faz através do único meio que lhe é facultado, (j que o regime, dita da liberdade, tirou-lhe as liberdades antigas, tornando-o escravo das camarilhas partidárias). Sem que tenha pedido, ao passado procuração para isso, essas camarilhas impuseram-lhe ditatorialmente 3 nomes, para que entre eles "escolhessem" o menos pior. Não adianta querer votar em homens que não sejam menos piores porque, quem ou não queiram, os eleitores terão de votar naqueles elementos que foram escolhidos, não pelos eleitores, mas pelas camarilhas eleitorais dos partidos políticos. Opõem-se vozes mentemente à propaganda republicana, sordidamente interessada na continuidade da palhaçada político-eleitoral, que quer fazer crer ao eleitor menos avisado que deve votar pois, se não o fizer, está auxiliando o pior a vencer. É preciso nos convencermos, uma vez por todas, de que o remédio não está em eleger o menos ruim, mas em não eleger ruim de espécie alguma.

## CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 22 de Abril — Dia dos Descobrimientos Lusíadas — (Descobrimiento do Brasil).
- 3 de Maio — Dia da Santa Cruz e da Fundação de PÁTRIA-NOVA.
- 13 de Maio — Dia das Dinastias Lusíadas (Dom João VI) e da Unificação Nacional (Abolição da Escravidão).

## A MONARQUIA É MELHOR

Não há dúvida alguma de que a Monarquia é ainda para o Brasil o melhor dos governos; foi um grande erro a República para o Brasil.

Genília Vargas, "Tribuna de Petrópolis", 15 de agosto de 1951.

## LEIA

## "Organização Monárquica do Estado"

(sociologia política), de Jacques Valdour, tradução e anotações de A. Veiga dos Santos

Já leu "MAURRAS — DEFENSOR DA REALIDADE", opúsculo patrianovista?

NOVA AMEAÇA REPUBLICANA...

Por corresponder ao nosso pensamento, transcrevemos, com a devida vénia, do Cruzeiro de 13.4.1957, o actualíssimo artigo de Rachel de Queiroz, "Falar francês".

— O Governo pretende tornar facultativo o estudo da lingua franceza nas escolas secundarias — é o que se anuncia. Ai, todo mundo sabe o que significa aqui no Brasil a palavra "facultativo". Quando o ponto é facultativo, por exemplo, quer dizer que o feriado, funcionario nenhum põe o pé na reparação. Pois que aqui, o que não é obrigatório podia ser proibido, já que ninguém faz nada sem a força. Não vota, não se apresenta a serviço militar, não paga impostos. Governo quer alguma coisa, tem que obrigar.

E assim, facultar o francês será o mesmo que proibir. E a nós, da velha geração, esta novidade governamental parece-nos uma das resoluções mais graves jamais tomadas em relação ao futuro do Brasil. E' como uma reviravolta de 180 graus em relação ás nossas bases de cultura, será um renegar total de todas as fontes onde abeberou o espirito nacional, desde os tempos coloniais.

Dizem que não se trata o francês pelo inglês — apenas se permite a escolha. Mas, diante da tremenda máquina de publicidade americana, será que a impressionável mocidade, criada à luz do cinema americano, ao som da musica americana, ao passo da dança americana, à rica das revistas de quadrinhos americanos, — será que algum jovem jamais optará pelo "obsoleto" francês?

Não digo por saudosismo — mas então não estão vendo que nós não poderemos renegar o francês? Afinal o francês não é uma lingua morta como o latim. É uma das linguas mais vivas do mundo, a segunda mais falada das linguas europeias. É uma lingua linda, que nós, de fala portuguesa, aprendemos com facilidade e ternura. Não é que eu teio contra o inglês, também. O inglês é útil, é indispensável — mas não é, para nós, a lingua natural da cultura. Se é bobagem dizer que nós rapidamente somos latinos, não podemos negar que culturalmente o somos. E o francês é a primogénita da latindade, no francês vemos colôr, de primeira mão, o que de melhor e mais importante se fez em arte, em poesia, em sciência, na Europa Meridional, na Europa Latina. Já basta o que a influencia do poderio lanou tem feito para americanizar os jovens, — não parecia que o governo tivesse a mão. Ainda como d'a encounter uma roça minha amiga a ler "Salambô" em tradução americana. Não parece uma monstruosidade, uma brasileira lendo Flaubert em inglês — porque não sabe francês? É o realista que numa rede estava arrastando Baudelaire — quando se apurou que o desgraçado não conhecia Baudelaire de umas poesias traduzidas numa antologia americana! Ou a professora que me contou que ouviu uma aluna d'zer que "sheer" é o nome de uma atriz de Hollywood "Sherrin"...

Juro que não sou parcial neste caso. Pois adoro a lingua inglesa, a literatura inglesa e, se não adoro pelo menos tenho boas relações com a literatura americana. Mas neste altura do mundo, entregar a formação intelectual, artistica e literaria da mocidade apenas ao "hol-yezz" e à coca-cola, renegar assim o francês, me parece uma ingratidão e um crime. O Brasil futuro, óssas jovens que ignorarão o francês, vai ser um Brasil diferente. E o pior é que os moços irão atrás da cultura inglesa, para eles não soboleta quanto a franceza. O que eles querem é mascar qualquer coisa de americano — 50% daquela algibeira elementar inventada para uso dos nativos do Pacifico, chamada "inglês básico", e os outros 50% do "slang" que o cinema vulgarizou. Querem saber só o bastante para cantar as cantigas daquele pequeno exhibicionista Elvís "the Pelvis".

Senhores — não falo pela França, apesar do amor que tenho pela França. Mas já pensaram nos purcos, nos afios prazeres de que se vão privar os nossos moços, por culpa voessa? Nunca lerem Mallêre, nunca lerem Voltaire no original? Nunca lerem Balzac nem Simendal? Não lerem Villon — meu Deus, nascerem, morrerem, botarem anel de doutor, e não lerem jamais uma balada de Villon? Não lerem Claudel!

E por falar em Claudel, ocorre-me que os líderes do nosso pensamento católico deveriam tomar parte contra esta liquidação do francês e consequente americanização nossa. Pois que, com o crepusculo do latim, o francês ficou sendo a grande lingua do catolicismo. E o americano (para não falar dos ingleses, que são protestantes puros), o americano, em que pese a grande proporção de católicos existentes nos Estados Unidos, é um povo protestante. Livro de lá que nos chegou, tem quase sempre o selo do "livre exame". Veja esta biografia de S. Pedro, não bonita, analis por tódas as mãos — mas é feita do ponto de vista dum luterano. Ou este filme sobre o Cristo — cuidado não é o Cristo de Roma, é o de Genebra, o dos calvinistas. Ou esta peça sobre Maria Stuart e Elizabeth — é anglicana, nada mais.

Dizem que este protesto é luta contra a marê. Talvez. Mas para que foi que se inventaram diques? Ao governo cabe arguê-los, quando a marê oferece perigo. E não é só pelo lado sentimental que protestamos. É por medo do mal que este insensata medida pode causar. Nós, afinal, somos muito diferentes dos americanos do norte. Somos pobres, éles são ricos, mas temos muitas coisas boas que éles não têm e, entre estas, — muita coisa boa que a França nos ensinou e éles não aprenderam. Os americanos são os nossos aliados naturais, nossos irmãos do continente, tudo isso. Mas não devem ser os nossos mestres de cultura. Mesmo porque, por mais ricos e adiantados tecnicamente, éles ainda não têm cultura própria, não um povo na fase de aluvião. É aluvião por aluvião, baste o nosso. Que não ficará melhor se o revolvermos, e atermos fora as camadas já sedimentadas, já incorporadas, que já nos davam a impressão de terra nossa, onde se podia plantar e colhêr.

Rachel de QUEIROZ

REGIMENS

Atribuímos à acção desastrada dos homens o confuso, inoperante e tumultuário funcionamento das instituições. A meu ver são estas, porém, que nos arrastaram à situação presente.

Menotti Del Picchia  
A Gazeta, 9-5-1957

Foram eleitores altamente esclarecidos, repetimo-lhe isto e bom sem e para que não pairesm dúvidas, aquêles eleitores que deixaram de votar em vódas as eleições que se realizaram no Brasil. Foram homens e mulheres que afirmaram solenemente, depois de analisar profundamente a sua consciência, não pretenderem ser simplíces — através do voto ineperante — da continuidade da desgraça nacional.

É um absurdo que chama aos céus, esculha-se o melhor das piores, como fez nas eleições republicanas. Os protestos puros daqueles que não votaram, são os menos puros daqueles que votaram em branco (porque necessitam de um voto eleitoral autenticado pelas mesas eleitorais, por uma razão ou por outra que não vem a péla discutir), mais os daqueles que secretamente escreveram palavras nas sédulas de voto, são gritos que amoniam aos responsáveis pela situação calamitosa do Brasil, que as eleições são uma trágica farsa.

Depois de tantas lições, que essa farsa eleitoral tem dado aos homens de alguma responsabilidade neste país — especialmente ás nossas forças armadas que têm uma dívida de honra a saldar para com a Pátria — a DESproclamação de dita — continua-se a permitir o espectáculo degradante das "puguas" eleitorais (uma rainha de céus famosas em torno do "este"), sob o pretexto tolo ou ingenuo de que deve ser preservada a "legalidade" democrática. Usamos aqui a palavra "tolo" entre outras, porque os monarquistas nunca acceitaram, não acceitam e nunca acceitarão como legal a proclamação da Rê, já que esta foi obra de uma sociedade, sem o beneplácito do povo, que a ela assiste "benfitecido" — vide grandes lobos). Esses cidadãos, positivamente, andam no mundo da lua, completamente afastados da realidade brasileira passada, presente e futura, sendo em salvação utópicas (republicanas) do Brasil.

Em matéria, realmente de salvação, "ó o Império Patrianovista Orgânico poderá salvar a Pátria... e até os cabeças dos gozadores duplicantes, egoistas, pessimistas e avarentos", que por aí andam vendo as coisas sem as entenderem, ao fechando os olhos para não as verem, a que é infinitamente pior, pretendendo com esta omissão isentarem-se de culpa pelo que de mau o regime republicano tem fazendo à nação brasileira. "Tantas vezes vai o cántero à fonte, que um dia se quebra", já diziam os nossos velhos e bons patriotas lusitanos. Os perifericos republicanos fazem tantas, tantas... que um dia o "negócio" estoura. O pior é que o tal "negócio" vai estourar para o lado mau... Os comunistas estão de olho, não se iludam, senhores donos do poder, para não gritarem depois, por aqui d'el rei"... Não seja, então, muito tarde.

O povo vem protestando, e mais uma vez categoricamente o afirmou, nas eleições de 24 de março. Os responsáveis pelo Status satanicus não querem entender que a "cousa" está errada e que precisa ser mudada de "cabo a raba"... e quanto antes. Cede se arrependendo. Deus queira que o arrependimento e a razão não lhes chegue tarde, ao lestrante embrutecido.

José de OLIVEIRA PINHO

AFIRMAÇÕES PATRIANOVISTAS

Quem não fôr educado nos dotes guerreiros para defender a Pátria contra o inimigo externo, difficilmente será capaz de defender as "genuínas" instituições nacionais contra as influências desagregadoras internas, externas... e secretas.

QUE É DEMOCRACIA ?

Democracia é demagogia e plutocracia.

Se corruptível é todo homem e susceptível de tornar-se venal qualquer político, podem as instituições facilitar e propagar a corrupção ou, muito ao contrário, obstá-los. O regimen que à eleição entrega, com todos os poderes públicos, a Soberania mesma, universaliza a corrupção propagando-a em tódas as classes pelo funcionamento mesmo do mecanismo constitucional e, generalizando-a, assegura à venalidade uma impunidade que a faz doravante inevitável. O regimen electivo inclina o candidato a prometer à sua clientela eleitoral os favores de que disporá, uma vez investido dos poderes públicos. Nesse declive, nada mais deterá eleitores e futuros eleitos. Entre o candidato e o colégio eleitoral, entre o futuro ministro e os grupos parlamentares, estabelece-se a negociata inevitável. O regimen electivo repousa numa trapaçaria perpétua. A vida política torna-se feira. Mas quem paga tudo é a França (O Brasil em nosso caso — P.-N.) e o interesse nacional que se sacrifica nesse torvelinho dos interesses particulares em que cada qual acredita ganhar em detrimento da colectividade; e em que finalmente todos, salvo uns egoísta, uma quadrilha, tudo perderão, tanto éles como o Estado. Desde 1919, temos assistido a várias tentativas de recuperação financeira, havendo sido apenas passageiro o efeito prometido, com a volta imediata do domínio da desordem, recomecendo, após breve pausa, a queda, mais inquietante, mais irremediável. Têm sido vão os sacrificios impostos aos contribuintes.

Jacques VALDOUR. "Organização Monárquica do Estado".

to !

za, contra o presen... eleições. Só os seg... Os dados públi... que não diferên... nos dão a exten... e, aproximadame... Correio Paulistano" e... disseram nas urn... e resolve o probl... as outras que afflig... a bambuchata; deu...

que 37% de absten... 43.636, isto é... ainda, 39.673 vot... em nome de Jug... 2,3%. Somados ês... res incoites, 389.8... nre-republicanos. Ni... lultados são o espê... de 1954, por esse... houve erro tipográ... mapá e 21% na Pr... foi, na ocasião, é... leira, 38% (Anúnci...

o contra a DITADUR... e 29, e a faz atrav... da liberdade, tirou... partidárias. Sem... tamarihas impuseram... "e menos pi... a piores porque, q... elementos que fer... ritórias dos partid... álica, sôrdidamen... que quer fazer crer... está auxiliando o pi... de que o remé... do espécie alguns...

das — (Descobri

ção de PÁTRIA

m João VI) e di... (ão).

R... a Monarquia... governos; foi... Brasil.

agosto de 1951.

o Estado"

Valdour,  
s Santos

REALIDADE",

### AS INSTITUIÇÕES REPUBLICANAS CORROMPEM OS HOMENS

Enganada pela filosofia de Lutero, dos enciclopedistas e de Rousseau, a França foi a primeira a lançar as idéias de Liberdade, de Igualdade, de Soberania do povo, bases das instituições modernas.

Sóla o mundo na Democracia. Ao cabo de século e meio os resultados estão aos nossos olhos.

A Democracia falhou por toda parte. A República francesa considerou os povos a derribar os tiranos para estabelecer a paz... As nações em armas precipitaram-se às lutas fratricidas.

A Revolução prometia a igualdade... Numa as desigualdades foram mais clamorosas. A luta das classes é a regra universal.

A Revolução prometia a Liberdade. Todas as antigas liberdades reais, concretas, das famílias, das comunas, das províncias, dos mestres desapareceram. O operário só tem uma liberdade, a de morrer de fome. Tornou-se proletário.

Meditando os acontecimentos que sacudiram o mundo civilizado desde há cinquenta anos, mergulhamos numa história de maluco.

Dois guerras mundiais foram necessárias para abater a Alemanha. Menos de dez anos mais tarde, com nossas mãos, reconstruímos-a todinha. Ela tornou-se a primeira potência da Europa.

A Rússia, amiga da véspera, criada por Rostovtch e Sidault, é a inimiga a abater!...

As nossas irmãs nas obras cristãs, das quais tentos são verdadeiramente regos, repetem que a Igreja nunca aceitou a Revolução, que todos os papas sem excepção a condenaram e que, segundo a letra das encíclicas, é blasfêmia querer desviar a Revolução do Evangelho. O caos é universal, tal como talvez o mundo jamais os conheceu. Duas forças emergem: o comunismo e a Igreja.

O comunismo, conforme mostramos, renegou as doutrinas do marxismo e não passa de um capitalismo de Estado que faz do homem escravo. Solução que o cristão não pode aceitar.

A Igreja chama-nos à razão. Pela voz do Pontífice de Roma, convida-nos a renegar os princípios que nos fizeram tanto mal e restabelecer os organismos destruídos pela Revolução.

—vert du Moisil, "Les institutions ont corrompu les hommes"  
Ed. du Conquistador, Paris, 1933.

### A REPÚBLICA ESTÁ EM CONFLITO COM TUDO

A república que pretende ser o governo da lei, do direito, é o regime que mais conflito tem tido com a lei e com o direito.

"Os anos do Congresso, os reportórios de areitos do nosso Supremo Tribunal, com as fontes inesgotáveis para os pesquisadores do conflito entre o político e o jurisprudencial na república.

"Mas, de 1889 para cá, unicamente o quatrênio Dutra (1946/50) não teve sua legitimidade contestada por tentativas de rebelião armada. A história do regime revela o Brasil como uma academia de golpes, em sincronia com os "pronunciamentos" nos países americanos de origem hispânica".

(Ruy Nogueira Martins — in Sistema eleitoral — ed. 1956 — Inst. Soc. e Política e F. C. E. S. P.)

### PANEM ET CIRCUS...

Melhor sem eles, pior sem eles...

Desde que instalaram por estes brasis afóra os tais parlamentos, que vão desde a minúscula câmara de 6 vereadores de uma aldeia interiorana até o grande circo nacional, — verdadeiros conventos de demagogia — implantou-se novamente, nesta sexta-república, a inquietação permanente, a agitação desoladora e desenfreada contra a paz e a tranqüilidade dos que desejam trabalhar tanto para si como para a Pátria.

Esperando gloriamente "serem os parlamentares a essência do regime democrático", usam e abusam do direito de conspirar contra a Nação, ou, melhor, de tumultuar permanentemente a ordem espiritual do povo. Equivocam problemas que não sabem, não querem e não podem solucionar; porfiam obstinadamente em criar entraves ao executivo; alardeiam a "defesa do povo", quando, na realidade, outra coisa não fazem senão "taparem" essa mesma povo com chavetas de "conjumuras", de "problemas de sucessão permanente", de "divorcios", de "batelias financeiras", de "lutas pela liberdade" et cetera, quando, na verdade, a Nação, dia a dia mais se encastra nas armadilhas fabricadas para sustentá-los, para majorar vencimentos de seus veredores, para entorpecer consciências...

E a Nação, como um carro de roda quadrada vai, de tranbólio em tranbólio, progredindo, graças exclusivamente às suas inesgotáveis fontes de energia providas de um território milionario, herdado de seus avoengos imperiais portugueses e amerindios e regress! E a Nação protuberante (nas fortunas particulares) ouvindo moucos à algazarra das turbulentes parlamentares que, dizendo-se "representantes do povo", não admitem que o POVO lhes faça justiça, dando-lhes um respeitável pontapé nas partes carnudas do corpo...

Serviu contra o regime, não admitem que se ataque o regime; sendo contra o povo, não admitem que o povo lhes diga verdades...

Formando uma alabânia exótica de beócios, de malandros, de desempregados, de telegarças de rádio com múnias silenciosas, com "intelchais" de balcão coturno, ignorantes ou taboies demais, abdoem impertigado dentro do "cadilafestges", sócios diretos ou indiretos de contrabandistas da coca-cola rock'n roll americana (do norte!), garantem com o "munus" da representação (falsa, é claro!) temerosos de uma busca policial na sua caverna de alibabás e... pronto: amarram dócilmente as forças armadas ao coração-constitucional e põem-se a fazer o que entendem!

Melhor sem eles, pior com eles, ficamos nós a parodiar as suas besteiras ditas para esse multidão de ignorantes eleitores...

Jeronymo Ricardo de MATTOS

### CONVERSA ENTRE PATRIANOVISTAS

— Reparou como se fala agora em Monarquia?  
— É verdade. Está ficando "canja" a propaganda Patrianovismo. Antes era mais difícil. Tem razão o Ch. Geral: o impossível já está se tornando difícil e logo este virá fácil.

— E um dia a gente acordará sabendo que foi desclamada a ré pública!  
— Deus "lhe" ouça!

### COISAS ESTRANHAS...

Examinando os mapas e gráficos de produção e facturamento da refinaria (Presidente Bernardes), a reportagem de A GAZETA pôde constatar uma "coincidência interessante": o empreendimento caminhava para tornar-se um autêntico "tabacaxi", em face dos díbeis resultados apresentados, enquanto era operado por estrangeiros. Bastou que o controle das operações passasse para as mãos dos brasileiros para que a refinaria apresentasse os excelentes resultados divulgados. O lucro líquido de 1957, em face do aumento de produção, chegou a 1/5 do orçamento da Província. — P.-N.J. Verificamos, também, que os acidentes, incêndios e má a um incidente perturbavam a vida da refinaria durante esse período. As estatísticas demonstram que tais factos diminuíram a produção e foram praticamente eliminados quando a refinaria passou para as mãos de nacionais. "Estranhas coincidências", que um dia este repórter poderá contar..." (A Gazeta, 5. P., 21-1-1957).

— E ainda existem patifes que querem "internacionalizar" a Petrobrás e defender a ingerência das trustes ladrasavas...

### BALANÇO DA DEMOCRACIA REPUBLICANA

Esta é a quadro da nossa democracia anêmica e claudicante. Além de um pouco de carnaval durante os períodos eleitorais, nada oferece ela ao povo a não ser especulações, corrupção, politicagem, desbragamento administrativo, irresponsabilidade e injustiça. — tudo isso coronado por um custo de vida exorbitante, que o povo deve enfrentar com um dinheiro aviltado (Diário Populista, 12-2-1955).

— Isso há dois anos. E agora?

### LEIA

## Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS

Pedidos à Caixa Postal 8503 — Preço: Cr\$ 230,00

**"Monarquia"** — Este jornal não cobra assinatura. Mas, se cada um que por qualquer via o receber nos enviar Cr\$ 5,00 em selos, estará ajudando-nos a multiplicar sua tiragem actual de apenas 5.000 exemplares e, ademais, melhorá-lo.

### O POVO E A MONARQUIA

Em 7 de abril de 1831 D. Pedro I abdicou a coroa brasileira a seu filho, que contava então 6 anos de idade. Os nossos livros contam que Sua Majestade foi a bordo e esteve dentro da baía de Guanabara desde 7 até 13 de abril, aguardando o acontecimento. O príncipe herdeiro ficou à espera do povo para se o mesmo aceitava o menino e as meninas que ficaram no País. O novo rei aceitou, emquanto era ocasião propícia aos republicanos para conduzir Pedro II e suas irmãs de volta ao País abolido a Monarquia e proclamando "ré-pública". Os homens aceitaram a criança com as honras que sua Sobrinha Alteza merecia e regentes passaram a governar este Brasil durante 9 anos, uma anarquia. O adolescente de 15 anos tomou conta da Nação e o povo soube. Mais tarde "cedendo ao Império das circunstâncias" retirou-se do País o povo chorou. A Monarquia de D. Pedro II deu provas da eficiência das instituições para o nosso Território Natal.

Com a "ré-pública" dos nossos dias e dos dias idos o povo somente sofreu o povo somente gemeu, chorou e de misérias morreu.

Do que é bom a gente sempre tem saudades e é por isso que o povo de "gigante adormecido" está acordando novamente pedindo a volta da Monarquia. O povo, porém, só poderá bater palmas a esta grande ideia da Nação Brasileira se as Forças Armadas devolverem ao Brasil sua honra, seu brilho e sua COBISA devolvendo o Trono, não a D. Pedro II, porque este já não é o deste mundo, mas a seu bisneto e legítimo herdeiro do Trono Brasileiro, D. Pedro Henrique de Bragança.

Neste dia o povo estará contente e feliz, porque novamente dará a volta a MONARQUIA.

Roberto CESNIK

M  
ANO III  
Director — A.  
1. Ning  
lar-se tanto  
ivas com que  
apes, DD. C  
2. Em  
os caminhos  
ualidade bra  
portugueses,  
mosos de um  
idamente, se  
dições... est  
mente no cu  
campeões do  
ria, campe  
entendimen  
3. Fácil  
mento diplom  
Que o digam  
portugueses  
etc...  
4. De  
PRIANOVISM  
meros, invej  
enciar ou ig  
Basta n  
reconhecer.  
facto com os  
da Lusitania  
feito da not  
5. De  
armo-lo er  
futos opim  
DO FUTURO  
tênio antes  
hora.  
6. Ac  
pionário p  
Acabamos  
esta política  
nosso a qu  
esta eminent  
pensão, no h  
a república.